

## ESTRUTURAS CLÍNICAS

Aula 3: 07/05/2004<sup>1</sup>

### **MECANISMOS PSÍQUICOS DA FORMAÇÃO DOS SINTOMAS**

#### **INTRODUÇÃO AO CASO DORA**

*Tania Coelho dos Santos:* Hoje farei uma tentativa de apreensão de como se formam os mecanismos psíquicos que conduzem à formação dos sintomas. Será uma primeira tentativa de entrar no modo de formação de um sintoma neurótico, de um sintoma histérico, através de uma compreensão muito rudimentar de como o tempo da memória inconsciente é diferente do tempo cronológico da memória consciente.

Na aula anterior, eu chamei a atenção para a retroação significativa, mecanismo por meio do qual um acontecimento contemporâneo ou recente confere, só depois, uma importância a um acontecimento passado, dando a ele inclusive uma significação, à luz de uma compreensão, de um entendimento, de uma interpretação que é atual. Hoje, eu prosseguirei, partindo da temporalidade inconsciente e da sua relação com a formação dos sintomas histéricos. Retomarei daí, aprofundando um pouco mais essa noção de inconsciente, e me servindo dela, apenas dentro do limite do que pode interessar, agora, junto ao caso Dora. Essa noção, em Freud, ainda não está presente. Ela se constrói, muito lentamente, a partir da concepção que ele tem de que as pessoas se comportam como se desconhecem uma parcela das motivações que determinam o comportamento delas.

Num primeiro momento, o que Freud pensou é que, quando as pessoas adoecem de uma doença neurótica, isso sobrevinha ao fato de que alguns acontecimentos traumáticos, desagradáveis, desconfortáveis, vergonhosos, tinham sido afastados da consciência psíquica normal e ficavam como uma espécie de consciência segunda, uma consciência separada da consciência. Ao dizer consciência segunda, ele não pensava que a natureza dessa memória fosse nitidamente distinta da memória normal. É como se a própria memória, a consciência normal se partisse em duas metades. Mas cada uma delas seria construída com as mesmas características. Quer dizer, uma não seria distinta da outra, uma estaria apenas separada da outra.

A idéia é muito simples. Imaginem, que aconteçam determinados contratempos a uma pessoa, num momento em que ela está fragilizada, ou com muito sono, ou muito cansada, ou sobre um forte impacto emocional – porque alguém da família está doente, ou morreu, por exemplo. Há diversas circunstâncias da vida que podem produzir um rebaixamento do grau de atenção, característico da consciência normal, que exporiam essas pessoas a uma incapacidade temporária de encadear determinados acontecimentos na seqüência de memória normal. Algumas vezes Freud chama esses momentos de estados crepusculares, estados entre a vida de vigília e o sono, estados em que a pessoa não está adormecida mas pode estar devaneando, momentos em que ela não saberia muito bem distinguir o que é a realidade, propriamente dita, e o que é imaginação, momentos em que a consciência normal não estaria organizada como de hábito.

---

<sup>1</sup> Transcrição de Ana Paula Sartori e revisão de Rosa Guedes Lopes.

Nessas condições, quando a consciência está afetada por um enfraquecimento da atenção isso propiciaria que os eventos que acontecessem nesses períodos não se registrassem na memória através do modo de encadeamento normal, através de seqüenciamento narrativo normal da consciência externa, de vigília, atenta. Isso significa que o julgamento sobre esses acontecimentos - sobre o grau de realidade ou de fantasia ou de imaginação associados a esses acontecimentos - ficaria afetado. Desse modo, Freud supõe que, em consequência de que o julgamento fica afetado, essa parte da consciência fica afastada da consciência normal.

É claro que a idéia é cognitivista. O sujeito fica sem os meios para integrar, por meio do juízo, do julgamento, aquele acontecimento na memória normal. Então, afastados da consciência, eles produziram uma espécie de consciência segunda, ou falsa consciência. Uma consciência separada da consciência normal.

No primeiro momento, então, antes que ele formulasse qualquer idéia de um inconsciente, ele imagina que essa memória que fica segregada, com os conteúdos que não se integraram à memória normal, guarda a propriedade de perturbar o funcionamento psíquico normal.

Por isso, eu marquei muito a questão do julgamento. Se ele vem perturbar a memória normal é porque sobre esses acontecimentos o sujeito não sabe dizer ao certo se são frutos da imaginação, do devaneio, ou se realmente aconteceram. O caráter patológico fica ligado essencialmente à ausência de julgamento sobre a natureza desses acontecimentos.

É bastante claro, então, que o desenvolvimento de uma técnica como a hipnose, no primeiro tempo do trabalho clínico do Freud, visava justamente resgatar esses conteúdos psíquicos, integrando-os à consciência normal. Era suprimir a consciência patológica, integrando-a na consciência normal. Quer dizer, levando o sujeito a se expressar, a se manifestar, a recordar, a falar sobre esses acontecimentos, e trazê-los ao funcionamento normal.

Eu comentei, há duas aulas atrás, que esse procedimento de resgatar, por meio da hipnose, a memória, as lembranças, os acontecimentos ou até os fatos da imaginação, integrando-os à consciência normal, confrontou Freud, de saída, com uma descoberta muito importante: freqüentemente, esses acontecimentos segregados da consciência não eram acontecimentos quaisquer. Eram acontecimentos de um tipo muito especial, que envolviam ligações afetivas com uma figura paterna - o pai ou um seu substituto. A consequência para o sujeito era a de que esses eventos eram marcados por um afeto desagradável, desconfortável, culposo. Além de comportarem também o contrário: a lembrança de acontecimentos de sedução sexual coloca em questão também a moralidade de uma quantidade bastante grande de pais, ou de substitutos do pai, representantes paternos. O que cedo vai trazer uma questão clínica muito importante: será possível que todos esses acontecimentos traumatizantes, que provocam o aparecimento dessa consciência separada da consciência normal, que ficam lá agindo como uma causa patogênica na produção dos sintomas neuróticos, realmente se deram? Ou será que uma parcela desses acontecimentos foi produzida através da fantasia? A fantasia funcionava tal como se fosse uma realidade de fato acontecida mas, muitas vezes, não se tratava mais do que um acontecimento imaginário.

Esse trajeto é importante para que se compreenda, então, que esse ponto incide sobre a memória, e é causa da neurose. Ou seja, o traumatismo é causa da neurose; o acontecimento é causa da neurose.

Uma questão: isso é da ordem da realidade ou da ordem da fantasia? Essa questão é muito importante para que nós possamos caracterizar de que tipo de acontecimento estamos falando, que acontecimento pode dar lugar a uma neurose. O que pode dar lugar a uma neurose não é qualquer coisa. Mas é um acontecimento sobre o qual alguém pode se perguntar: isso é real ou é uma fantasia? O que, de saída, significa dizer que os traumatismos de verdade, os acontecimentos da vida - as perdas, os reveses, os impasses, os desencontros - não são a causa da neurose. Ao contrário do que a psicologia costuma dizer.

Visto que a psicologia se baseia só no ego, na intersubjetividade, e não leva em conta o traumatismo originado no inconsciente, na fantasia, no desejo, ela tende a julgar que toda frustração é potencialmente neurotizante. E, justamente, o que eu estou dizendo é que não é. Para que um acontecimento seja traumatizante, é preciso que sobre ele se possa perguntar: isso é real ou é da ordem da fantasia?

De modo que o que importa, essencialmente, na noção de traumatismo em psicanálise é a implicação da fantasia como causalidade da neurose. Não é o acontecimento em si, mas a implicação do sujeito por meio da sua fantasia.

Quando eu fiz essa apresentação inicial, eu procurei chamar a atenção para a centralidade da figura paterna como agente do traumatismo, causa de uma neurose. Então eu apresentei as razões: por que o pai é o vilão? Por que o pai é o acusado central? Por que tanto na experiência da hipnose, quanto, posteriormente, durante o desenvolvimento dos primeiros tratamentos sob a associação livre - servindo-se da fala, da conversa - o pai aparece como agente da doença neurótica, na fantasia histórica? Eu chamei a atenção de vocês, para a relação entre o pai e a introdução da sexualidade. De modos diferentes, desde a primeira aula, eu venho mostrando que há uma correlação entre a sexualidade, a descoberta da sexualidade e a figura paterna.

Na aula passada, eu trouxe dois fragmentos do ensino de Freud e de Lacan, bem distantes no tempo, e que apresentavam o valor do pai na vida psíquica.

Freud, já ao final de sua obra, em 1933, em “A questão de uma *Weltanschauung*”, diz que o pai é o primeiro a se amar nesse mundo. E relacionou todas as visões religiosas – como é difícil pôr em dúvida a crença em Deus - ao fato do pai ser o primeiro a se amar nesse mundo. Afirmção bastante enigmática, se nós considerarmos que ele é o primeiro a ser acusado, nesse mundo - ser acusado de sedução sexual.

E eu disse que, talvez, se pudesse solucionar bem essa dupla face de anjo e demônio - razão das mais altas e elevadas e inerradicáveis ilusões da espécie humana - em relação à figura de Deus. O primeiro a se amar nesse mundo e o primeiro a representar a divindade. A face demoníaca advém do fato do pai ser o primeiro a ser acusado pela introdução da sexualidade, pela descoberta da sexualidade, pela sedução sexual, pela perversidade sexual. O anjo e o demônio aparecem nesses dois momentos. Temos duas faces diferentes dessa figura central: solução para todos os males e causa de todas as doenças.

É interessante lembrar a importância da questão: o que é o pai? O pai é o pai o agente que introduz a sexualidade e o traumatismo. Ele é também aquele que se apresenta como a salvação da espécie humana, da alma, o enviado de Deus.

Em meados dos anos 70, num tempo que é bem próximo de nós, Lacan avança nessa questão. O que ele esclarece sobre “o que é o pai”? Anjo ou demônio? Monstro ou médico? Ele sugere um caminho interessante. Ele diz que um pai não tem direito ao amor, nem ao

respeito, a menos que seu desejo seja perversamente orientado para uma mulher. Traduzindo: para ser chamado de pai é preciso que ele seja capaz de fazer uma escolha de objeto e amar uma mulher. O caminho do reconhecimento da paternidade, a resposta do que é ser pai, passa essencialmente pela capacidade que o homem pode ter – e se ele tem, então ele tem o direito de ser chamado pai – de escolher uma mulher e se responsabilizar por isso. Suportar as conseqüências da tirania do desejo.

Portanto, está implicado nessa frase que o pai não é meramente uma conseqüência da reprodução sexuada. Claro que a reprodução está em jogo, mas isso não é suficiente. Porque um homem pode ter um filho com uma mulher e abandoná-la. Pode não suportar essa condição. Não basta que ele eleja uma mulher. É preciso que ele seja capaz de se responsabilizar pela sua escolha e pelas conseqüências.

É a partir dessa contribuição de Lacan que proponho a vocês que esse é o melhor caminho, na clínica psicanalítica, para esclarecermos essa descoberta tão antiga da psicanálise, da relação entre o pai e o traumatismo, causa da neurose, e essas afirmações de Freud, aparentemente muito contraditórias, que fazem uma relação entre o pai e o que a vida espiritual tem de mais elevado. Como juntar o céu e o inferno? Como reunir numa mesma figura Deus e o diabo? Nessa sugestão do Lacan, eu penso que ele põe em jogo uma série de aspectos da figura paterna.

Em primeiro lugar, o homem que escolhe uma mulher é também, pela força do seu desejo, capaz de separar eficientemente essa mulher do seu filho. O desejo dele tem essa conseqüência: não deixar que mãe e filho façam uma unidade fechada. Ele se mantém ali como um terceiro que separa. Ele está essencialmente ligado à separação entre mãe e filho. Com respeito a esse desejo, um filho tem, ao mesmo tempo, razões o bastante para se afligir – isso é traumático, num certo sentido. Mas isso é benéfico também, num outro sentido. Portanto, o pai aparece como uma faca de dois gumes porque essa separação é dolorosa, mas ao mesmo tempo ela também propicia à criança a entrada na vida social, na relação com outros, que não a mãe. O pai funciona aí como o primeiro outro Outro, que não a mãe.

*Intervenção:* Antes do pai entrar assim, a criança não tem a noção de indivíduo. Até para ela se construir como indivíduo é necessária a entrada do Outro, do pai.

*TCS:* Sim, além de tudo, ela precisa disso. Não basta estar nascido biologicamente, para estar separado fisicamente. A separação psíquica depende da intervenção desse terceiro. O que faz com que o desejo dele esteja ligado à possibilidade da criança realmente se inserir nos níveis mais altos da civilização. Então, dá para entender como é que ele está ligado ao que a cultura, a civilização, a sociedade tem de mais elevado. Essa intervenção paterna é divina, nesse sentido. O caminho é para o que a sociedade e a cultura têm de mais elevado.

A escolha que o pai faz empurrado por seu desejo - é particular, singular, inexplicável, por que essa mulher e não outra? Ela produz um enigma para a criança: a partir do fato de que o outro pôde escolher alguma coisa, o que é que eu quero, então?

A face demoníaca da função paterna está ligada à descoberta da sexualidade, do desejo, do que você chamou de individualidade. Está diretamente ligada à pergunta: o que é que você quer? Se eu quero isso, você quer o que, então?

A escolha do pai é traumática porque ela aponta para uma questão muito difícil de resolver: por que essa mulher e não outra? O que nos leva a fazer uma escolha, qualquer que seja?

Vai ser preciso, então, para esse indivíduo, um trabalho bastante exigente de pesquisa sobre o que para ele pode se constituir como uma lei, ou uma regra, uma ordem com respeito ao que ele deve escolher. É desse ponto de vista que eu posso mostrar a vocês que o trauma da figura paterna não está ligado, como poderia parecer, à frustração que a criança tem ao ser separada da mãe. Muito pelo contrário, esse é o lado liberador, que possibilita que ela não seja devorada por essa relação tão intensa, tão exigente que é a relação com a mãe. Eu diria que a face edipiana é a face divina do pai. A face mais dolorosa, mais traumática é aquela que implica a fantasia, na medida que por meio do seu testemunho, da sua experiência, da sua escolha, o pai introduz a questão: o que é que você quer? Essa face, eu diria que é menos pacífica.

A outra maneira é mais reguladora, ordenadora, pacificante, insere o indivíduo na rede social. Dificulta que a mãe se sirva da criança para satisfazer seus caprichos. Face divina, libertadora. A outra face é mais inquietante. O indivíduo é invocado a fazer, ele também, o percurso no sentido de responder pelo que ele quer.

Nós vamos ver, então, através do caso Dora, como Freud analisa o impasse de uma jovem histérica diante da questão do desejo e quais as dificuldades que ela vai apresentar para se separar da figura materna e servir-se do pai para situar o que ela deve desejar, então, para descobrir o seu caminho na vida. E é na medida em que o sujeito tenha ultrapassado essa tarefa ou que ele venha a apresentar dificuldades nessa tarefa que o adoecimento neurótico acontece.

E isso então me possibilita retomar a questão da face demoníaca do traumatismo paterno, traumatismo normal. Nós vimos que esse acontecimento traumático combina com o que eu disse antes: o que é traumático, na psicanálise, não combina muito com essa idéia cotidiana, do senso comum, que se tem do traumatismo. O traumatismo é de estrutura, ele está ligado a algo que é fundamental, a alguma coisa da qual ninguém pode escapar. Então, de saída, já vimos que não têm os traumatizados e os não traumatizados. Somos todos traumatizados, ou somos loucos. Não tem saída: ou loucura ou enfrentamos as conseqüências do traumatismo, cujo agente é a figura paterna.

Se eu falei em neurose e em fracasso, com respeito à descoberta da sexualidade, do situar-se, ali, nessa questão do desejo, do “o que você quer”, isso aponta para aquele outro elemento, que eu coloquei: que o traumatismo, em psicanálise, é necessariamente associado à emissão da fantasia. Com isso, estou dizendo que não existem pais que são traumáticos e pais que não são traumáticos. O pai é traumático. O acidente da neurose tem que ser buscado do lado da fantasia do sujeito. Ou seja, como essa questão da causalidade sexual, do desejo de cada um vai repercutir para um sujeito particular? De que modo aquilo vem a se articular para ele?

Cabe, então, perguntar: o que vai nos dar a dimensão – e agora eu já estou qualificando o traumatismo, não do traumático generalizado, do traumático para todo mundo, que a figura paterna seria traumática para todo mundo - do acidente particular que fará com que esse traumatismo tenha uma saída pela via da neurose para um indivíduo em particular? Isso tem que ser explicado uma vez que todos pais são traumáticos. Se não há uns que sejam e outros que não sejam traumáticos, nós temos que dar conta do porquê de alguns indivíduos ficarem doentes e outros não.

É, mais ou menos, como imaginarmos que um acidente de trem é traumático. É traumático, mas nem todo mundo sai de lá doente. Então, como explicar isso? Por onde vamos diferenciar?

Na aula passada, eu chamei a atenção de vocês para o fato de que, frente à pergunta “o que é que você quer?”, as condições ou as vias dessa resposta não colocam as mesmas dificuldades para um menino e para uma menina. Do lado do menino, o objeto que ele buscará sexualmente está em conformidade com o primeiro objeto de amor: a mãe.

Vocês podem pensar: isso quer dizer que ele vai viver o problema do traumatismo do desejo numa relação direta da rivalidade com o pai. Portanto, se o desejo pode ser traumático nos meninos, esse traumatismo não está na ordem dele não saber o que ele quer. É muito mais fácil para ele saber o que ele quer no nível do objeto do desejo. Mas, por outro lado, ele está muito mais frágil diante da rivalidade com o outro homem, em princípio, o pai. Então, podemos imaginar que o fracasso neurótico masculino na escolha de objeto vai estar sempre, de uma certa maneira, ligado, na fantasia, ao excesso de importância concedido a essa rivalidade. O índice de neurotização será o seguinte: é difícil ter a mulher que ele quer porque ela é sempre de outro homem.

Mas nós não vamos tratar disso nesse curso, porque, para tratar disso, teríamos que falar de neurose obsessiva. E eu disse que nós íamos ficar num trabalho introdutório à clínica psicanalítica, através do estudo, o melhor possível, da histeria.

Na histeria, justamente, a questão não é a rivalidade edípica na fantasia que vai se constituir no embaraço neurótico. Sobre a histeria já temos um elemento, de saída: o que adquire, para a menina, um caráter traumático é a fantasia de sedução sexual, quer dizer, “meu pai me seduz”. Quando há um representante paterno que seduz, nós temos aí, sob a forma do excesso fantasmático, causa das dificuldades de escolha de um objeto sexual e, portanto, da possibilidade do sujeito escapar à doença neurótica.

É preciso explicar por que são as mulheres que caem vítimas da doença neurótica histérica, predominantemente, e não os homens. Eu expliquei isto chamando a atenção para a diferença sexual e para uma coisa que, até a publicação desse caso clínico, até o tratamento dessa moça chamada Dora, Freud não sabia, ele pensava que, conforme a natureza, homens e mulheres escolhiam o seu objeto de amor de acordo com as diferenças anatômicas. Então, uma menina nascia destinada a gostar dos meninos, e o menino, das mulheres. Ele achava que isso era uma evidência indiscutível. Certamente, o fato de Freud ter encontrado o primeiro índice de uma fantasia patogênica por meio da fantasia de sedução sexual deve tê-lo enganado bastante em relação a isso.

Aparentemente, então, o desejo da menina, ou da mulher, estaria bem amarrado nesse objeto do sexo masculino. Entretanto, nós vamos ver que a descoberta que ele faz sobre o caminho na escolha do objeto feminino ser mais complicada do que o masculino será uma descoberta muito importante na compreensão do caso Dora. Esse caminho envolve uma mudança de objeto. Tal como o menino, a menina é primariamente ligada à mãe, portanto, o pai não é o objeto primário do amor da menina. Ela vai precisar fazer uma mudança de objeto durante o percurso do seu desenvolvimento sexual. E Freud vai perceber que essa mudança não é tão simples assim. Portanto, o traumatismo paterno não tem o mesmo efeito sobre o psiquismo feminino e o psiquismo masculino. No masculino, ele se traduz pela rivalidade e, do lado feminino, essa acusação de sedução feita ao pai desresponsabiliza a menina em relação ao desejo.

Aonde eu quero chegar? Ao fato de que o traumatismo paterno do lado da menina tem um efeito diferente que é o de desresponsabilizá-la em relação ao desejo. Desresponsabilizá-la em que sentido? Primeiramente, porque o objeto primeiro do afeto da criança do sexo feminino é a mãe. Então, é verdade, não é esse outro, o pai, que ela ama. E, num segundo sentido, se a fantasia “meu pai me seduz” quer dizer alguma coisa, é essencialmente uma negação do desejo, “o desejo não é meu, é do outro”. Essa desresponsabilização está ligada ao primeiro fator. Há uma verdade implicada aí. Há uma verdade nessa negação, digamos que essa fantasia seja uma negação de um desejo próprio, uma espécie de “não sou quem deseja, é o outro”.

Se nós compararmos com o caso do menino, é exatamente o contrário, é “sou eu que desejo, e desejo tanto, que o outro é meu rival”. Do lado masculino, temos a admissão do desejo. Do lado feminino, uma recusa do desejo - o desejo é do outro.

Essa duplicidade de posições é que vai permitir que se depreenda uma coisa que eu não vou trabalhar, mas que eu vou introduzir apenas para que vocês tenham a noção de qual é o fato comparativo. Na medida em que o menino diz “sou eu que desejo, meu pai não é mais do que meu rival”, o que é negado aí não incide sobre o objeto e nem sobre o desejo - “Eu desejo e sei o que desejo, portanto, o outro não é mais do que meu rival”. O que é recusado aí, e que é nitidamente distinto da posição histérica, é a dívida do sujeito em relação ao pai: “eu não devo nada a ele, porque ele é o meu rival”. Se o pai é a causa da introdução do desejo e se no caso masculino há uma facilidade com relação ao objeto, por outro lado, há uma dificuldade de reconhecimento de uma dívida com relação ao outro, uma dívida de desejo, que é o pai que introduz.

Isso nos servirá como elemento comparativo. Do lado feminino, é o contrário: “eu não desejo nada, não sou eu quem quer, é o outro.” O que é um exagero a respeito do valor da contribuição desse outro, que se faz ao preço de um apagamento do desejo do sujeito. Por isso Freud diz que o que é próprio da neurose histérica, fazendo com que ela seja tipicamente feminina e não masculina, é um certo “não querer saber nada da sexualidade; não entender nada dessas coisas; não querer saber nada do desejo”. Ele diz que é espantoso como pessoas tão inteligentes podem ser tão virginais, tão ignorantes nas coisas da sexualidade. É claro que ele está falando no contexto de uma certa época, mas isso é verdade, porque se formos tomar a coisa ao pé da letra, ele está falando muito mais de uma posição: “não sou eu que quero, não sou eu que sei...” Um descompromisso, uma desresponsabilização com relação ao desejo que faz com que as mulheres, freqüentemente, façam de conta de que não são mais do que um objeto na mão do outro.

*Intervenção:* Mas, ao mesmo tempo que desresponsabiliza, já há o conhecimento sexual?

*TCS:* Você está falando da Dora, mas o que eu quero dizer é que tudo que estamos analisando está baseado na fantasia, só pode ter fantasia onde tem conhecimento. Se é o pai quem introduz a sexualidade, a fantasia é a maneira pela qual isso é reconhecido. O que eu estou tentando mostrar para vocês é como a fantasia feminina, mais claramente, leva à neurose histérica. Talvez, se estivéssemos fazendo um outro caminho, usando um outro caso clínico, para nos introduzir nesse assunto, pudéssemos pensar como a fantasia masculina leva à rivalidade, à culpabilidade e à dificuldade no reconhecimento da dívida para com o outro. Seriam outras as questões, mas elas também só poderiam ser aferidas por meio da fantasia.

Aqui, não estamos mais discutindo o sexo biológico, puramente, nós já estamos trabalhando as conseqüências psíquicas das diferenças naturais. A diferença natural não explica tudo, é preciso pensar como isso vem expressar ou a se manifestar enquanto construção psicológica. Não basta ser homem ou mulher, é preciso ver qual é a função do pai, como isso se estrutura no nível da fantasia.

Então nós podemos imaginar, agora, como toda a eficácia neurótica de produzir sintoma neurótico está ligada à fantasia. Assim, daqui para frente, tudo o que se tem que pensar é o seguinte: em que condições a posição subjetiva, sexuada, normal, que essa fantasia de acusação ao pai representa, no caso feminino, se torna patológica? Que acréscimos têm de ser feitos aí para que isso termine na produção de sintomas histéricos e não, simplesmente, na “atitude psíquica feminina normal”, ou seja, ser objeto causa do desejo do outro? Ninguém vai me dizer que isso é histeria ou doença!

Certamente, uma menina que desenvolva, como é o caso de Dora, uma aversão a ser objeto do interesse sexual do outro já nos indica que podemos falar na histeria. Então, não necessariamente, esse elemento primordial que é a fantasia, que traz, que denuncia a posição subjetiva, vai caminhar na direção de uma neurose. O que Freud descobre, nesse caso clínico é que a dificuldade na intensidade dessa fantasia, que pode levar à patologia, e que parece que guarda uma acusação, excessiva, vexatória da figura paterna, na verdade esconde uma fixação excessiva na figura materna.

A intensidade da acusação feita ao pai é uma mentira que esconde a intensidade na fixação na mãe. Ele começa a falar nisso através das relações da Dora com a Sra. K., mas, muitos anos depois, ele vai teorizar mais seriamente sobre isso, particularmente em 1925 e 1931. Em 1925, numa conferência chamada “Sexualidade feminina” e, em 1931, num texto chamado “Feminilidade”. Nesses dois momentos, essa teoria da mudança de objeto e, conseqüentemente, as suas dificuldades ligadas à fixação libidinal no primeiro objeto vão amadurecer e ganhar até uma certa independência em relação a se a menina terminou histérica ou não. Vai aparecer como um problema geral, como uma característica geral, como um impasse geral do processo de sexuação feminina. Quase como se sexualidade feminina e esse impasse fossem a mesma coisa.

Vocês compreenderam isso? Alguém quer fazer alguma pergunta?

*[Pergunta inaudível].*

TCS: O que eu disse foi o seguinte: partimos do princípio de que a escolha de objeto não é o ponto problemático para o homem porque o primeiro objeto de amor que ele vai escolher é o mesmo, ou seja, ele vai trocar a mãe por uma outra mulher. Nove entre dez estrelas do cinema masculino trocam a mãe por uma outra mulher com características muito parecidas. Não é muito difícil perceber isso. Entretanto, por conta dessa facilidade, o preço a pagar é que a rivalidade com o pai é um impasse. O homem pode ter dificuldade em resolver o problema da escolha por causa da rivalidade. Pode ser que toda mulher que ele escolha, que ele só a escolha porque envolve disputá-la com outro homem. Eu não estou dizendo que isso resolve ou resume tudo. Mas é um bom exemplo de como isso pode virar um impasse. A condição para que ele se interesse por uma mulher é que haja um rival, e, tão logo ele ganhe, ele não se interessa mais. Isso mostra que a rivalidade virou um ponto de fixação que atrapalha a escolha. E isso, é evidente que está ligado à fantasia.

*[Pergunta inaudível].*



*TCS*: Ele é que o sujeito fica na posição de agressor. Ele é um agressor, um rival. É ele que está o tempo todo comprando briga e só consegue entrar na relação amorosa através da disputa. Você acha que o preço a pagar por isso não é o sentimento de culpa? Do lado feminino, não, o impasse é outro.

A mãe, desde o início, se alterna entre presença e ausência para qualquer criança. Se ela se ausenta isso se deve, indiscutivelmente, a alguma outra coisa que lhe interessa além da criança. Não existe nenhuma mãe capaz de ser eternamente presente, se fosse, não produziria uma criança, produziria um legume. O aparelho psíquico, no mínimo, precisa suportar a alternância presença e ausência, que combina com outras alternâncias: cheio e vazio; fome e satisfeito; sono e desperto; frio e calor. Sem essa alternância, não há aparelho psíquico. O traumatismo paterno está associado à identificação de uma causa: é por causa dele, é ele que a tem.

Quando se pergunta sobre papéis ativos e passivos, se está tentando compreender as coisas pelo aspecto psicológico das relações intersubjetivas. E o que eu estou contando para vocês é que a eficácia da constituição do sujeito é estrutural, e que o que funciona como causalidade são relações de estrutura, independentemente dos indivíduos mais ativos ou mais passivos, ou mais presentes ou mais ausentes. Então, passiva ou não, a mãe não pode ser eternamente presente, ela tem que ir ao banheiro, pelo menos.

Eu vou prosseguir, dizendo o seguinte: onde eu falei de fantasia, até agora, vamos passar a entender *recalque*.

Eu falei que o pai era o nome dessa causa traumática, articulada na estrutura à ausência da mãe. Relacionei, diferentemente, os efeitos da figura paterna, do desejo do pai por uma mulher - tantas vezes, ele é o agente, ele é o elemento ativo na estrutura, ele pode ser até bem quietinho, isso não tem importância, porque ele é o elemento ativo da estrutura. É ele que introduz efeitos diferenciais sobre a produção de um sujeito psíquico: homem ou mulher. Com isso eu estou dizendo que não basta o sexo anatômico, que são necessários os efeitos traumatizantes da figura paterna para que alguém se subjetive como homem ou como mulher.

Então, se nasce duas vezes. Primeiro se nasce menino ou menina, depois nos tornamos menino ou menina, ao cabo de um certo número de operações mentais, onde essa realidade, que é dada de saída, é secundariamente assumida enquanto tal, mas como efeito, como engano. Quando a menina diz “meu pai me seduz”, só indiretamente é que eu posso dizer que ela está dizendo que é mulher. Só indiretamente.

*Intervenção*: Indiretamente?

*TCS*: Indiretamente. Por que desde quando “meu pai me seduz” é igual a “eu sou mulher”? São duas sentenças completamente diferentes. Eu estou dizendo que a fantasia: o pai (ou um substituto) me seduz, é um modo pelo qual a posição feminina é admitida por um sujeito de uma forma velada. A posição sexuada não é admitida de uma forma direta, não é “eu sou mulher. Essa outra admissão, pela via da fantasia, é indireta.

Onde eu quero chegar com isso é que o que funda o sujeito, portanto, é o recalque da sexualidade. À sexualidade se tem acesso por meio de um mecanismo psíquico que mente sobre algo, que vela, que apresenta a verdade de maneira meio dita, velada, sob a forma de uma interpretação, ou como um dizer inconsciente. A verdade desse “meu pai me seduz” é

da ordem de uma interpretação. Portanto isso é uma fórmula inconsciente, é um enigma. O que se diz aí, precisa de alguém para interpretar, não está dado, não é direto, não é evidente.

A constituição do sujeito como sexuado, homem ou mulher, se faz por meio de um mecanismo psíquico que é o recalque, ou seja, de uma interpretação do que o sujeito quer dizer. Interpretação sempre velada, enigmática, cifrada. O que se diz não se diz abertamente, diretamente, de uma forma indiscutível. O que se pode verificar é que a fórmula “meu pai me seduz” mente, oculta, recalca, põe de lado, descompromete, desresponsabiliza o sujeito enquanto desejo. Então, se há um modo tipicamente feminino de assumir a sexualidade e o desejo sexual é sob a forma velada. É de tratar o desejo como do Outro.

Por isso é que não adianta você me dizer que a mãe também é ativa, porque o modo pelo qual ela produz um discurso sobre a sexualidade é diferente do modo masculino. A sexualidade está toda cifrada por meio de indicadores indiretos. Com isso eu estou dizendo que a fantasia “meu pai me seduz” é do sujeito. É o sujeito sexuado que a produz. Não estou dizendo que a pessoa que faz isso não tem sexualidade, ou então que a sexualidade é do outro, mas que a forma de admissão da sexualidade é mascarada, é atribuída ao outro, que se apresenta como agente da sedução enquanto ela fica no lugar de objeto.

*Intervenção:* Tanto o homem quanto a mulher têm essa coisa velada?

*TCS:* Sim. Só que, eu diria, que o princípio masculino não tem essa forma. Eu fiz essa exposição nas duas últimas aulas. Eu retomei isso hoje porque eu sabia que era complicado, chamando a atenção para o fato de que não é a mesma a forma masculina e a feminina, mesmo que ambas sejam sempre cifradas. Não há via de acesso à sexualidade, senão por meio de uma forma cifrada.

*Intervenção:* O homem e a mulher são cifrados, só que de forma diferente.

*TCS:* De forma diferente. Não foi por acaso que Freud descobriu a histeria e a associação com o sexo feminino. Explicar o homem histérico dá trabalho. Eu não vou fazer a bobagem de dizer para vocês que é idêntico uma coisa que, na clínica, não aparece dessa forma. E Freud insistiu muitas vezes nisso. É dominante na clínica que os homens sejam obsessivos e que as mulheres sejam histéricas. Há uma relação entre a escolha da neurose, ou o modo de subjetivação da sexualidade, e o fato de que alguém é homem ou mulher.

*Intervenção:* Mas o homem obsessivo também tem muitos traços histéricos, certo?

*TCS:* Ah, então foi por aí! Quando você diz “traços histéricos”, você já está entrando em choque com o que eu estou dizendo. Eu estou falando de estrutura, eu não estou falando de traço. A estrutura é a fantasia que cifra a posição subjetiva diante do desejo. Essa posição masculina é cifrada como agente. O modo de mentir sobre o fato de que a sexualidade vem do outro é dizer que ele é o agente, ele se apresenta como o autor, o agente, a causa, aquele que faz. E, por isso, ele é facilmente prisioneiro da fantasia de rivalidade, do medo de agressão, da culpa. São sentimentos tipicamente masculinos em razão da posição, que é estrutural. Os traços mentem, o que importa é a estrutura.

Na fantasia fundamental do sujeito, em relação à sexualidade, o homem se representa como um agressor sexual e não como uma vítima. Essas características, quando patológicas, conduzem a uma neurose obsessiva. Esses traços da neurose obsessiva você os encontra na psicologia normal do homem, como os traços da histeria são encontrados na psicologia normal da mulher.

Eu não estou dizendo que mulher é igual a histeria e homem é igual a neurose obsessiva. Mas, ao encontrar a patologia, essas estruturas levam a coisas diferentes. Traços histéricos em homens podem combinar perfeitamente com uma estrutura obsessiva. *Traço não é estrutura*. Pelo traço não se chega a nada. Eu posso elencar um conjunto de traços histéricos e isso não garante, de modo algum, que a pessoa seja histérica. Não é isso que conduz ao diagnóstico, e sim a posição, a estrutura, o modo como o recalque se deu, como o sujeito cifrou o encontro com a sexualidade – foi como encontro passivo, onde ele foi objeto de uma violência sexual, ou como um encontro ativo, onde foi ele o agressor?

Eu não vou entrar na psicologia do agressor porque só vamos ficar no caso Dora. E, portanto, nós vamos ficar no caso de uma moça histérica, que fornece uma série de cenários em que ela se coloca como vítima de um ataque sexual por parte do outro. As vítimas provocam, mas isso não adianta nada, porque elas continuam achando que são vítimas. Portanto, a atividade está presente. Para ser vítima você tem que fazer um bocado de esforço, dá trabalho.

*Intervenção:* O que os pais falam das filhas é “como ela pode ser histérica, se ela não sabe nada disso?”. E é justamente isso, você ter o recalque e ter a fantasia implica em ter o conhecimento?

*TCS:* Implica em ter o conhecimento, mesmo que esse conhecimento não seja consciente. Esse conhecimento que eu estou falando é um conhecimento tão básico como fundamento da estrutura psíquica do sujeito que ele não precisa saber nada sobre isso. É uma atitude, é um modo de existir, é a própria maneira de ver o mundo, que é rigorosamente estruturado pelo modo como o sujeito cifrou o encontro com a sexualidade, o encontro com o desejo do Outro, encontro com os efeitos da figura paterna na vida psíquica.

O que eu estou dizendo é que esse encontro, necessariamente, se faz por meio de um recalque.

O que é um recalque? Um recalque não é só o que a gente está acostumado a escutar: “É uma repressão.” Quando se pensa em repressão, se pensa em censura, se pensa em alguma coisa que não se diz.

O recalque é um modo de ocultar alguma coisa da consciência. É um modo de não saber de alguma coisa, é uma mentira sobre algo, é uma censura que pesa sobre um acontecimento, mas é também uma maneira de apresentar as coisas. O recalque não é apenas negativo, ele também tem efeitos positivos, no sentido de que ele interpreta uma determinada realidade e diz a verdade pela metade - se é que é possível dizer a verdade toda. Ele diz desmentindo, ele diz invertendo. É uma maneira de dizer. O recalque tem relação com a maneira de dizer.

*[Intervenção inaudível].*

*TCS:* Todo exemplo que eu dei é positivo. A frase “meu pai me seduz” mente sobre a face ativa que é o desejo da pessoa em questão, colocando toda a responsabilidade pelo desejo no Outro. Por outro lado, diz a verdade, diz que o desejo vem do pai mesmo, o desejo vem do Outro.

Eu diria que o obsessivo não concebe a sua responsabilidade, a sua implicação como agente do desejo sexual. Eu poderia inverter a fórmula do dizer daquele que se conserva agente, ou seja, que se diz agente, para “sou eu que desejo”, “fui eu o responsável”, o que também mente, de alguma maneira, sobre essa origem estranha da sexualidade. Ela vem de fora, ela vem de outro lugar. Então, mentira e verdade são muito mais interpretações.

Vocês compreendem isso: que o sujeito que reconhece o desejo também deixa de fora algum lado da verdade? É que para o ser humano o desejo sexual não é uma extensão do desenvolvimento biológico, ele é uma consequência psíquica dos efeitos da função paterna no psiquismo. Não é simplesmente o desenvolvimento biológico e natural que leva à sexualidade e ao desejo, é outra coisa, é uma coisa que é da estrutura mesmo dos laços afetivos e sexuais entre humanos.

Então, a posição ativa e a posição passiva, todas duas deixam algo da verdade de fora. É isso que eu queria marcar com respeito ao recalque. O recalque vai para além do fato da repressão. Repressão é igual a censura, censura é igual a mentira - é a abolição de uma parte da verdade. Isso é verdade, o recalque é isso, uma parte da verdade sai fora, fica apenas um lado da verdade, uma versão da verdade, o que é uma interpretação.

O que nos mostra que as posições masculina e feminina são interpretações da sexualidade. O que temos, efetivamente, como desejo, se reduz à diferença sexual. Quase que ser mulher é não ser homem, e ser homem é não ser mulher. O desejo, a sexualidade dependem do recalque, da separação dessa meia verdade. E cada verdade depende de não ser a outra verdade. Não se vai muito além disso.

Se fizermos uma pesquisa sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, baseada nos traços e não na estrutura, nos perderemos, porque quase tudo que um homem faz, uma mulher também pode fazer, e vice-versa. Não é nesse nível que encontraremos a diferença sexual. É inútil se discutir em termos de comportamento, em termos de competência, desempenhos, atividades. Não é possível conseguir localizar a diferença sexual aí. Mas, se procurarmos a posição, a fantasia, a estrutura, o recalque, aí se reconhece alguma coisa que pode ser dita universalmente masculina ou universalmente feminina, portanto uma interpretação do que é essencialmente masculino ou feminino.

É sempre bom ter cuidado com esses níveis para não confundir ativo com ativo mesmo, e passivo com passivo mesmo. É um efeito da interpretação, é um jogo de relações e não uma realidade concreta. No nível concreto, homens e mulheres são igualmente ativos e passivos. Não se trata disso. Trata-se que, para cada um, simbolizar o fato de ter um corpo masculino ou um corpo feminino, requer se separar de uma parte, sacrificar uma parte em proveito da sexualidade, para recuperá-la na troca com o parceiro sexual. Não é um prejuízo, é um modo de intercambiar.

Quando eu falei, da vez passada, na temporalidade, eu mostrei para vocês que a constituição dessa interpretação, ou seja, a eficácia, por meio do recalque, da sexuação, da posição masculina ou feminina, a partir do inconsciente, se dava em dois tempos que são dois tempos diferentes daqueles aos quais estamos habituados cronologicamente, isto é: primeira e segunda etapas. Aqui, não. Nós teríamos que pensar um tempo II que, retroativamente, funda o tempo I.

Existe um texto de Jorge Borges onde ele cita um jogo de palavras que se aproxima, precisamente, disso que eu quero explicar: “ele foi o primeiro mas, antes dele, houveram vários eles”. Esse jogo: “ele foi o primeiro mas, antes dele...” parece uma brincadeira. Mas, raciocinem comigo: todas as vezes que você estabelece um marco, sobre qualquer coisa, ele tem um efeito de, retrospectivamente, reunir todo um conjunto de eventos que, até então, não tinham nenhuma significação de classe, de agrupamento, de conjunto. A identificação de um determinado aspecto tem a propriedade de, retroativamente, produzir a classificação de uma série de outros, que não eram identificados, anteriormente, como sendo parentes

desse aqui. Mas do momento em que você estabelece isso, há esse efeito de toda uma classe de eventos ser reconhecida como sendo da mesma natureza que este aquele.

Essa memória inconsciente, que é um efeito do recalque, ou seja, da interpretação, funciona segundo esse modo, que é lógico e não cronológico. O advento, o encontro com a sexualidade, com a sedução sexual, quando a criança atinge quatro ou cinco anos, quando ela começa efetivamente a se dar conta do papel do pai, da separação com relação à mãe, esse acontecimento dispara um processo de memória invertido. É como se os acontecimentos de um tempo anterior se reunissem e fossem classificados à luz de uma interpretação que, na verdade, vem daqui.

*[Intervenção inaudível].*

*TCS:* Uma série de acontecimentos anteriores assume uma significação, são reunidos numa classe. Portanto, são “inventados”, porque são interpretados. Eles adquirem uma significação que eles não tinham antes. E isso é uma atividade de fantasia, de organização mental ficcional do passado.

*Intervenção:* A identificação entre a constituição simbólica e a linguagem estão diretamente relacionadas com o recalque?

*TCS:* Diretamente relacionados com o recalque. O recalque é uma palavra freudiana para falar dos efeitos da linguagem sobre o sujeito.

Então, o que eu estou chamando de segundo tempo é o complexo edipiano propriamente dito. Quer dizer, para a criança do sexo feminino ou do sexo masculino, o encontro com o traumatismo do desejo do Outro pode se manifestar de diferentes maneiras: pela decepção com a mãe, pela suposição de que o pai a deseja, pelo despertar da curiosidade sexual infantil em consequência do nascimento de uma outra criança. Uma série de eventos do tempo II pode ser chamada de complexo edipiano. Tudo que de alguma maneira desperta na criança um mal estar na relação com a sexualidade, com o desejo do Outro, com os efeitos do desejo do Outro refere-se ao complexo de Édipo. É, a partir daqui, que os eventos da primeira infância vão ser interpretados ou fantasiados ou recalcados à luz das descobertas desse período.

Está em moda falar de abuso sexual na infância. Trata-se de um assunto extremamente problemático, uma vez que o encontro com a sexualidade, o encontro com o desejo do Outro para a criança é sempre um enigma, um trauma, uma significação a ser elaborada. Ela projeta isso num tempo anterior por meio, por exemplo, das fantasias de abuso sexual, que seriam um modo, por exemplo, dela acusar o pai de maltratá-la ou de desconsiderá-la ou de seduzi-la. Então, é muito difícil averiguar a efetividade desses acontecimentos, salvo em circunstâncias bem precisas, porque isso é quase uma generalidade da vida sexual infantil. Por ser muito comum uma criança fazer fantasias de abuso sexual, fica difícil fazer a distinção entre o que é um acontecimento verídico - que exista abuso sexual contra a criança - e o que é simplesmente uma criação da imaginação.

*[Intervenção inaudível].*

*TCS:* Eu acho que você deve ter tido dificuldade porque, em relação a essa dupla temporalidade, no caso Dora, Freud trabalha com duas coisas no tempo I: a relação da Dora com a Sra. K. e o Sr. K. como uma máscara que oculta o relacionamento dela com a Sra. K. É só no segundo tempo, quando ela reage com aversão, com repugnância, enfim, é só quando ela repudia os avanços amorosos desse homem - o que não está muito explicitado

no texto -, que se poderá ver que essa mudança de atitude dela com relação a ele tem a ver com uma frase que ele diz para ela: “Minha mulher não significa nada para mim.”

Onde foi que Freud tropeçou? Ele não viu que o Sr. K. só significava alguma coisa para Dora enquanto ela acreditava que a outra mulher - Sra. K. - significava alguma coisa para ele. O laço afetivo, libidinal dela foi rompido com essa frase dele. Nesse momento, ela deixa de aceitar a corte dele. Mas, para se entender isso, é preciso a releitura que Lacan fez desse caso. Porque esse detalhe fica obscuro no texto freudiano, e você não consegue dar o pulo do gato.

*[Intervenção inaudível].*

TCS: E aí ela se desinteressa dele.

*Intervenção: Mas ela se desinteressa também da Frau. K.?*

TCS: Ela já tinha se decepcionado com a Frau. K. Mas Freud só vê esse ponto, ele não vê a importância que tem a frase do marido, quando ele diz para Dora que “minha mulher não significa nada para mim”. Nesse momento, ele corta o laço fantasmático dela com ele.

Vamos então ao mecanismo de formação dos sintomas, que é o nosso ponto de chegada, e vamos ver se isso ajuda a esclarecer alguma coisa.

De um lado, temos o problema da temporalidade e, portanto, de um passado que é fundado a partir de um presente. Essa inversão temporal dá ao passado um estatuto de ficção. O passado não é alguma coisa em si, é alguma coisa que se constrói a partir de algo que acontece depois. Essa duplicidade é a mesma que eu estou supondo para o fato de que alguém nasce menino ou menina, ganha um nome, tem um pai e uma mãe e, só depois, ele ou ela vai dar a isso uma significação e vai encontrar aí um lugar. É rigorosamente a mesma coisa. Freud chamava essas coisas por nomes muito curiosos, tipo: a sexualidade humana é bifásica. Para ele, a sexualidade, a memória, tudo parece ser bifásico. E o problema é que a fase I só existe a partir da fase II. É a fase II que localiza, interpreta e fixa a significação da fase I.

Então, quando se fala de recalque originário e recalque propriamente dito, se está lidando com uma ordem, supostamente cronológica, que na verdade se dá numa inversão temporal, numa retroação significativa. O que funda o recalque originário, portanto, o tempo onde o sujeito vai se dizer homem ou mulher - supondo que este seja um aspecto essencial do recalque originário - só acontece depois do complexo edipiano e de uma certa trama de relações que permitem ao sujeito se localizar como menino ou menina.

Compreender isso é extremamente problemático, porque se está, o tempo todo, em dois planos. Quando se observa um menininho e uma menininha, o que temos é: ele brinca de bola com dois anos, ela veste saínia, ela bota lacinho e ele vai com a camisa do Flamengo para o Maracanã. E, no entanto, eles não estão ali como menino e menina. Nada disso foi subjetivado por eles. O ponto onde eles estão é, mais ou menos, como o pronome usado para animais em inglês: *It*. Freud chamava de *Es*. *It*, em inglês, ou *Es*, o isso, em alemão, é a criança. É isso que, em determinadas línguas, sequer é nomeado como menino ou menina. E chamam criança como chamamos um animal, como uma coisa, porque a localização sexual, como menino ou menina, se dá só depois.

Quando a localização sexual se dá, todos esses traços da primeira infância são interpretados naturalmente, são organizados e passam a fazer parte de uma memória onde vai se dar uma expulsão. Do lado da menina, acontece a assunção de todas as fitinhas, lacinhos, saínhas,

etc, e uma expulsão de tudo que não combina com isso. E do lado do menino, a mesma coisa de outro modo. Todas as identificações, comportamentos, etc, que, até então, se misturavam indiferentemente com o comportamento masculino, vão ser lançados para fora, no conjunto de traços onde o sujeito se reconhece e fabrica ali uma memória.

Ocorre uma divisão mesmo, uma clivagem, uma separação entre o que ele vai eleger como sendo ele e o que será expulso como não sendo ele - ou ela -, e que ele só vai poder ser recuperado sob a forma de um parceiro sexual. A escolha de objeto é que vai permitir recuperar essa parte de si perdida na sexualização. O hermafroditismo psíquico acaba depois do complexo de Édipo. A escolha de objeto é o que permitirá recuperar alguma coisa disso. Com o recalque originário, com essa clivagem, é nesse momento que o sujeito vai fazer a separação “eu - não eu”. Ou seja, “homem, não mulher”, “mulher, não homem”. Isso não está dado desde o início. Só se faz depois.

A tosse em Dora é um traço que tem dois lugares, um antes e um depois da separação. Quando se fala do relato cronológico do caso, da narrativa do caso, se tem uma seqüência de eventos e um lugar para cada elemento. Mas, quando se pensa na ação da interpretação onde o sintoma se produziu, esses traços vão ganhar uma localização diferente. A narrativa cronológica é uma coisa e a compreensão do significado de alguma coisa, à luz do sintoma, é outra. Então Freud está o tempo todo em dois momentos e em dois pontos de vista.

*Intervenção:* A tosse dela pode ser também com relação ao pai?

*TCS:* Isso. Lugares diferentes, para que admitamos a memória em dois tempos. Porque é o tempo II que funda o tempo I. É preciso entender que os processos mentais, psíquicos se classificam em dois tipos. Há os *processos primários*, ou seja, processos mentais cuja lógica não leva em consideração a contradição entre duas afirmações. Há processos mentais que são compatíveis com a convivência de afirmações contraditórias. Então, quando eu digo: “Ele foi o primeiro, mas muitos vieram antes”. Isso é contraditório, mas isso é essencialmente compatível com os processos primários. Os processos primários autorizam, possibilitam o deslocamento da energia psíquica livre dos constrangimentos das categorias lógicas secundárias. Eles usam categorias lógicas muito primárias. Por exemplo, a continuidade espaço-temporal: se uma coisa está junto da outra, pode-se tomar uma coisa pela outra. Outro exemplo, é a semelhança: se duas coisas são semelhantes, tomam-se as duas como idênticas.

Os processos primários dão lugar à produção de pensamentos, de idéias, de raciocínios que são ilógicos à luz dos *processos secundários*, onde a energia não circula de modo livre. Ou seja, não se pode passar de uma representação para outra. Temos que levar em conta uma série de outras coisas para associar uma coisa com a outra. O deslocamento da energia ligada implica que se tenha que levar em conta, ou fazer algumas considerações de ordem lógica, que são dispensáveis nos processos primários.

Nós chamamos de processos primários os processos psíquicos inconscientes, que têm um grau de liberdade infinitamente maior que nossa vida consciente, desperta, regida por leis do raciocínio lógico. Conseqüentemente, esses processos não se limitam à combinação de elementos e à articulação de determinadas narrativas que seriam, do ponto de vista da consciência, inverossímeis, absurdas. Qual é o exemplo, por excelência, de uma formação do pensamento inconsciente desse tipo, onde os processos são primários e onde a energia psíquica desliza livremente de uma representação para outra? São os sonhos. Neles há uma liberdade em combinar os elementos, em produzir ficções, cenários, situações,

interpretações, justamente porque nos sonhos o modo de pensar – há pensamento nos sonhos – não levam em conta as restrições que nós impomos aos nossos pensamentos na vida de vigília.

Na vida de vigília é exigido que os pensamentos obedeçam aos processos secundários, ou seja, procurem se adaptar em relação ao que é possível, ao que existe e não existe na realidade externa em que se vive. O que é considerado razoável, pelas pessoas que convivem conosco, e o que não é considerado razoável. Nós evitamos pensar ou dizer coisas que as outras pessoas vão achar completamente sem sentido, loucas ou delirantes. Quando isso acontece, se diz: “Está delirando! Pirou!”

Se nós pensarmos na maneira como o sonho é construído, verificaremos que nada disso interfere no modo normal do pensamento funcionar no sonho: pode se ter corpo com asas, pode-se voar, vai-se de um canto ao outro... Tudo é possível! Assim como as ameaças, as angústias, os pavores não guardam nenhuma relação, necessariamente, com qualquer realidade possível. São cenários inventados, construídos, geralmente, a partir de resíduos da nossa memória da vida diurna, lembranças do passado, situações realmente vividas, filmes, livros, discos, qualquer coisa pode entrar na confecção de um sonho pelo método da colagem.

Portanto, extrair o que um sonho quer dizer, qual é o pensamento que se manifesta no sonho por meio dessa modalidade de raciocínio é um árduo trabalho de interpretação, que exige o exame de cada elemento, na sua relação com outros elementos, e exige que o sonhador produza uma série de associações a respeito dos elementos que entram em jogo na confecção do sonho. Nenhum elemento significa coisa nenhuma, por ele mesmo. Cada coisa precisa ser esclarecida à luz das associações que a pessoa que sonhou pode esclarecer.

Essa é a dificuldade que você deve ter sentido na leitura do relato. Porque, de um lado, Freud amarra a história da moça, mas, de outro lado, se examinarmos os elementos que estão em jogo nos sonhos ou nos sintomas, se sai de um nível narrativo lógico, cronológico, histórico, para se cair numa outra lógica, em que um mesmo elemento pode remeter a vários contextos distintos. Inclusive, presente, passado e futuro se misturam de uma maneira desordenada, como contemporâneos, onde simultaneamente, se pode estar representado num sonho ou numa mesma cadeia de elementos, pensamentos completamente contraditórios e referentes a situações bastante distintas. De modo que a linguagem dos sonhos condensa aquilo que geralmente numa narrativa se desdobraria e se explicaria cuidadosamente para ser entendido. É uma linguagem cifrada, enigmática de difícil acesso.

Se pensamos o recalque na sua relação com o inconsciente, como mecanismo pelo qual se dá uma primeira interpretação que vai excluir e incluir algo, ao mesmo tempo, no campo da sexualidade e do desejo, o que precisamos entender é que o que faz com que a vida psíquica inconsciente produza sonhos, sintomas, formações, lapsos, é que aquilo que foi rejeitado para que alguma verdade se constituísse, retorna ao sujeito e induz à formação de substitutos. Com isso quero dizer simplesmente que a sexuação, ou seja, o encontro com a sexualidade e a produção de uma posição subjetiva masculina ou feminina, deixa de fora alguma coisa das experiências primárias do sujeito que, desse modo, vão retornar e insistir, produzindo formações de substitutos. O preço a pagar pela sexuação é o retorno do recalco.



Nas experiências primárias se faz uma seleção. Se a posição sexuada é uma interpretação, há alguma coisa que entra e outra que fica de fora. Alguma coisa será reconhecida como eu e não será. O que não é reconhecido como eu retorna fazendo uma perturbação na vida psíquica normal, por meio de sintomas, lapsos, sonhos, formações do inconsciente, que são todos eles modos de retorno do recaiado. Com isso, estou dizendo que a sexuação é alguma coisa que efetua uma mudança, uma marca na vida psíquica, tem um efeito de produzir uma reinterpretação do passado, mas que isso não se fecha nunca. Isso se faz e se refaz, continuamente. O que é próprio dessa memória que é fundada só depois é que ela não é estável. Ela retorna com uma exigência permanente de trabalho e de transformação.

O que retorna? Uma das maneiras de se falar do que retorna é quando algo é “seu e você não reconhece como sendo seu”. Isso dá lugar a uma repetição e mostra que o trauma é inesgotável. A resposta do sujeito não fecha a questão. Em função da linguagem, a interpretação do inconsciente está sempre em aberto. A interpretação desse momento primário da fundação do sujeito é infinita. O desejo está sempre aberto a reinterpretação, mas, ao mesmo tempo, há alguma coisa que se repete, sempre do mesmo modo, porque tem relação com o modo como, primariamente, o sujeito organizou tudo isso. Então, é aberto mas é fechado, ao mesmo tempo. É aberto mas é próprio de cada um. O fantasma de cada um é um fechamento, mas essa necessidade de recomeçar, de retomar, de reinterpretar o próprio desejo coloca aí também uma abertura, que faz com esse fantasma não seja assim tão inerte na produção subjetiva.

*Intervenção:* E o sintoma?

*TCS:* O sintoma é como uma bricolagem, como se ele se servisse de diversas coisas. É interessante observar isso. Quer dizer, do que um sonho se serve para fabricar um processo onírico, e do que um sintoma se serve para ser fabricado? É interessante pensar o modo de formação. Por exemplo, no caso Dora há um exemplo muito curioso. Quando as dificuldades de relacionamento entre o Sr. K e a Sr<sup>a</sup>. K transpareceram para Dora, ela observou essas dificuldades pelo fato de que todas as vezes que o marido vinha para casa, depois de viagens de duas, três semanas, a mulher, que estava gozando de boa saúde até a véspera, no dia seguinte, estava com enxaqueca, doente, dizendo que tinha que dormir em quarto separado. Enquanto ele estava em casa, ela estava doente, quando ele saía, ela melhorava.

Que relação isso tem com o sintoma de Dora? Ela apresenta uma tosse, tempos depois, que dura precisamente o tempo que o Sr. K não está na casa, quando ele chega, ela melhora. Justamente o contrário. O material de que ela se serviu para fabricar o sintoma, se pensarmos nos intervalos de tempo, é um material da relação do casal. A mulher ficava doente na semana em que o marido estava junto dela e ficava boa nas três semanas em que ele estava fora. Dora faz o contrário, ela fica doente as três semanas em que ele se ausenta, e fica boa na semana em que ele está presente, dizendo que, diferentemente da mulher dele, ela está contente quando ele está, e descontente quando ele não está.

Então, o que é o sintoma? É um pensamento, um desejo inconsciente se pronunciando de uma maneira recaiada, distorcida, por meio de uma formação do inconsciente, que é adoecer três semanas e ficar boa uma. Agora, o material foi retirado de um outro contexto, da situação do casal. Outro exemplo é a tosse de Dora, que é a tosse do pai, em torno da qual gira toda uma fantasia a respeito das relações sexuais entre o pai e essa mulher. Pura fantasia. Quando ela incorpora a tosse como sintoma, Freud aponta que, de um lado, essa

tosse é uma confissão, que ela gostaria de receber do pai o desejo, o afeto, a afeição que ele dá a outra mulher, e, de outro lado, a tosse é o índice de uma explicação que ela dá para as relações sexuais do pai com essa mulher, uma vez que ela supõe que o pai seja impotente.

Voltando à questão das experiências primárias, isso vai se ligar ao fato de que, primariamente, ela foi uma criança que tinha uma extrema fixação oral. Ela chupava dedo. Então a tosse está coordenada sintomaticamente com uma fixação infantil, na satisfação oral. O que, provavelmente, explica a fantasia que ela faz sobre a relação do pai com a outra mulher, que está baseada muito mais nos desejos dela do que na própria relação entre eles.

Então, a confecção do sintoma é complexa: tem a fantasia sobre a relação deles, tem a fixação oral dela, tem a tosse do pai. A combinação desses elementos forma o sintoma com uma significação que é única. Não se consegue alcançar essa significação baseando-se nos elementos um a um, porque os elementos têm relação com outro contexto, eles foram retirados do contexto. Por isso, é preciso ver qual é o elemento do contexto de origem que permanece válido neste contexto outro que é o do sintoma. Tem um deslocamento aí. Isto é exemplar do processo primário, ele diz respeito e violenta todas as relações entre um elemento e o seu contexto. Quer dizer, ele é o contrário da narrativa de uma história. A narrativa de uma história é tão boa quanto mais se sabe reportar um elemento ao seu contexto. O processo primário é o contrário de uma boa história, seria uma anti-história. É uma ficção inventada, produzida a partir da extração dos elementos dos seus contextos de origem.

Vocês viram o filme “Kill Bill”? Essencialmente, “Kill Bill” é um filme construído através da alusão a diversos outros filmes, histórias em quadrinho etc. O diretor compõe o filme com elementos de produções de desenho animado, filmes de violência. As alusões são inúmeras. É exemplar, pois a estrutura do filme é onírica, nesse sentido. Estamos o tempo todo vendo uma montagem que aponta para um outro contexto, para uma outra relação, para uma outra história, em que um elemento foi destacado do contexto e colocado em outro funcionamento. A linguagem do sintoma faz alusão a uma série de outros pensamentos, raciocínios, associações, agora, essa composição será absolutamente singular. O saldo final é absolutamente insólito.